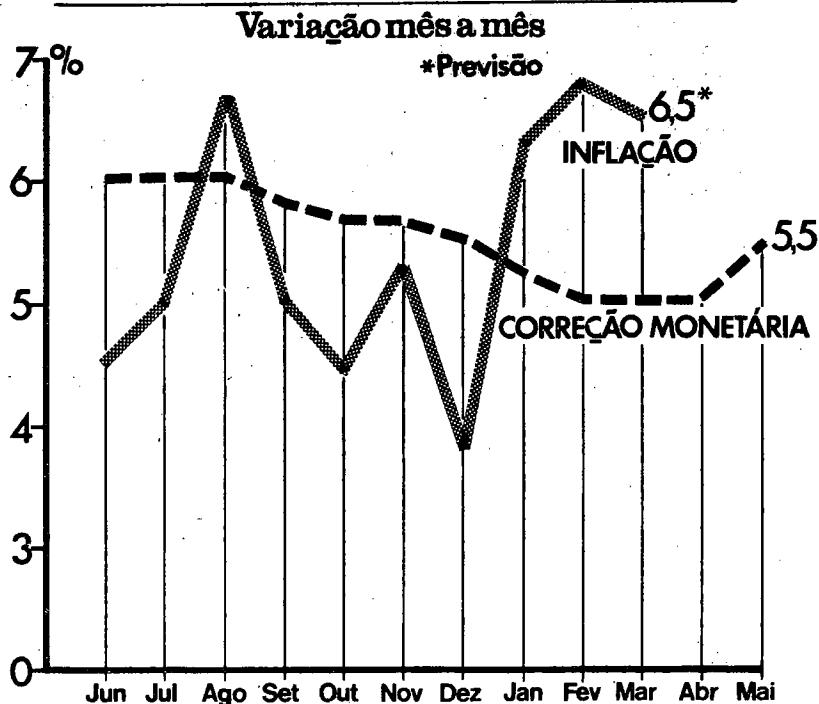


ECONOMIA

Economia - Brasil

A correção e a inflação



Com o índice de 5,5% em maio, depositante em caderneta poderá recuperar o poder de compra corroído pela inflação este ano

Diniz prevê 82 ano dos mais difíceis do período pós-guerra

Curitiba — "Atravessamos hoje um momento extremamente delicado e não tenho dúvidas de que 1982 será um dos anos mais difíceis de todo o período pós-guerra. Os fatores que levaram a economia brasileira em 81 para sua mais profunda recessão persistem em 82 e corremos o risco de repetir um desempenho econômico tão negativo quanto o de 81, com uma agravante: as condições econômicas e sociais do país estão muito mais debilitadas".

A afirmação é do empresário Abílio dos Santos Diniz, superintendente do Grupo Pão de Açúcar, a maior rede de supermercados do país, e representante da iniciativa privada no Conselho Monetário Nacional. Ele falou para mais de 300 empresários paranaenses e explicou que um crescimento de 4% na economia brasileira este ano, se for confirmado, não solucionará os problemas graves de desemprego.

Remédio de rico

— Se somarmos os prováveis 4% do crescimento econômico em 82 ao déficit de 3,5% que a economia brasileira registrou em 81, voltaremos aos patamares de 80. Isto significa que a população cresceu, mas a renda nacional continua a mesma por dois anos. E o brasileiro está mais pobre — salientou.

Para o empresário, não há o menor sinal de reativação da economia. E salientou que "a recessão é um remédio de rico e o Brasil não tem condições de suportar tão duro remédio por dois anos consecutivos". Acrescentando que as medidas do Governo para controlar o balanço de pagamentos e a inflação estão corretas, mas que a recessão, sozinha, não resolve os problemas.

O Sr Abílio Diniz lembrou que, para reconquistar a credibilidade externa através do controle do balanço de pagamentos, o Governo adotou medidas extremamente severas no controle da expansão monetária, gastos públicos e diminuição da exportação. E a consequência desta política, "que realmente surtiu os efeitos desejados", é que hoje a indústria de transformação está trabalhando com 18% de capacidade ociosa e todos os demais setores estão produzindo aquém de sua capacidade.

O empresário disse que a retomada do crescimento econômico deve começar com medidas concretas: em primeiro lugar, baixar as taxas de juros, "porque não podemos pagar 200% de juros". De acordo com o Sr Abílio Diniz, se as taxas de juros não baixarem as perspectivas são sombrias não apenas para o setor industrial, mas para toda a sociedade brasileira.

Delfim diz que crise externa foi afastada

— Com muito esforço e pagando o preço cruel da diminuição do ritmo da atividade industrial, a sociedade brasileira conseguiu afastar o fantasma da crise externa. Não fomos ao fundo do poço como tantos agourentos previam, nem fomos ao Fundo Monetário. Não nos ajoelhamos, como alguns maus brasileiros preconizavam — afirmou o Ministro do Planejamento Delfim Neto.

Em palestra na Escola Naval do Rio de Janeiro, que este ano comemora 200 anos de fundação, a cerca de 300 alunos dos cursos de formação de oficiais da Marinha, a convite do Almirante Henrique Octávio Aché Pillar, o Ministro se referiu basicamente aos problemas da economia brasileira para manter seu ritmo de crescimento num quadro mundial que enfrenta as crises de petróleo.

— Temos dificuldades e vamos continuar a tê-las, mas também estamos podendo demonstrar que os objetivos principais de superação da crise, fixados pelo Presidente Figueiredo, vão sendo atingidos — salientou, citando a redução da dependência externa e do endividamento e o fim das importações de alimentos.

Segundo o Sr Delfim Neto, "apesar de todas as dificuldades", muitos poucos países obtiveram os resultados, na superação da crise, como os que o Brasil vem conseguindo. E afirmou não haver "truque ideológico capaz de facilitar a superação dos problemas físicos de uma economia".

Campos faz piada e não fala de economia

— Existe uma antiga piada cristã que diz que Deus nada ignora, exceto os truques teológicos dos dominicanos, os segredos do pensamento dos jesuítas e a real pobreza dos franciscanos. Hoje, diz-se que Deus nada ignora, exceto a taxa de câmbio do dia seguinte, a taxa de juros da semana que vem e o tamanho do déficit do orçamento americano.

Esta não foi a única piada contada ontem pelo Embaixador Roberto Campos, em palestra muito bem-humorada na Associação Comercial, onde foi homenageado pelas lideranças empresariais do Rio. Logo de início, disse que não ia falar sobre economia, por vários motivos, dentre eles:

— No Brasil as coisas mudam tão rápido, que uma ausência de dois meses pode representar a arqueologia política e de três meses a paleontologia econômica.

Em tom brincalhão, o Embaixador referiu-se ao "masoquismo" de dois economistas e Ministros presentes, Octávio Gouvêa de Bulhões e Mário Henrique Simonsen. E falou apenas de política internacional, analisando a falta de coesão dos blocos socialista e do mundo ocidental.